



FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA VIDA CRISTÃ
FUNVIC

FACULDADE DE PINDAMONHANGABA



Viviane Veríssimo de Macedo

A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Pindamonhangaba - SP

2015



FUNVIC
FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA VIDA CRISTÃ

FACULDADE DE PINDAMONHANGABA



Viviane Veríssimo de Macedo

A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentada como parte dos requisitos para obtenção do Diploma de Licenciatura em Pedagogia pelo Curso de Pedagogia da Faculdade de Pindamonhangaba.

Orientadora: Profª. MSc. Alessandra Junqueira Vieira

Pindamonhangaba - SP

2015

MACEDO, Viviane Veríssimo de.

A importância dos contos de fadas na educação infantil / Viviane Veríssimo de Macedo / Pindamonhangaba-SP : FUNVIC Faculdade de Pindamonhangaba, 2015.

22f.

Monografia apresentada como parte dos requisitos para obtenção do Diploma de Licenciatura em Pedagogia pelo Curso de Pedagogia da Faculdade de Pindamonhangaba-SP.

Orientação: Profa. MSc. Alessandra Junqueira Vieira.

1 Educação Infantil. 2 Contos de Fadas. 3 Gêneros Textuais

I A importância dos contos de fadas na educação infantil. II Viviane Veríssimo de Macedo



FUNVIC
FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA VIDA CRISTÃ

FACULDADE DE PINDAMONHANGABA



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Clube UNESCO FUNVIC
Fundação Universitária
Vida Cristã - Brasil

Viviane Veríssimo de Macedo

A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentada como parte dos requisitos para obtenção do Diploma de Licenciatura em Pedagogia pelo Curso de Pedagogia da Faculdade de Pindamonhangaba.

Orientadora: Profa. MSc. Alessandra Junqueira Vieira

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof: _____ Faculdade de Pindamonhangaba

Assinatura: _____

Prof: _____ Faculdade de Pindamonhangaba

Assinatura: _____

Prof: _____ Faculdade de Pindamonhangaba

Assinatura: _____

Dedico este trabalho a minha mãe Maria
Angélica, pela paciência para comigo.

Ao meu Filho Kauê, a grande razão de ter chego até aqui e a
todos aqueles que me apoiaram nesta jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me mantido em pé nos momentos em que eu acreditava não ter mais forças para continuar essa minha jornada.

À minha família, em especial a minha mãe e meu filho, que mesmo nas dificuldades, tiveram paciência para me aturar e nunca deixaram de acreditar em mim e sempre me encorajaram a seguir em frente, proferindo palavras de caminho, chamaram minha atenção quando necessário, encorajando-me quando eu acreditava que não poderia mais continuar. Se tem alguém a quem eu devo tudo, é a eles.

Aos amigos e colegas que entenderam a minha falta nos encontros após o expediente de trabalho ou estudo e finais de semana.

Agradeço aos professores MSc. Marisa Cardoso e Dr. Valter Cobo, por terem me ajudado tanto na decisão pela minha busca de novos caminhos, desistir do curso de Ciências Biológicas foi uma das decisões mais difíceis a ser tomada em minha vida e vocês, se mantiveram presente me orientando e me aconselhando, obrigada pelo carinho.

À professora MSc Alessandra Junqueira, minha orientadora, por não desistir de mim, mesmo quando eu faltei aos meus compromissos, dedicou seu tempo à orientação de meus estudos, corrigiu minhas falhas, enfim, só tenho a agradecer.

Agradeço aos professores Ângelo Roberto Fonseca e Kátia Corregiari, por fazerem parte da minha vida acadêmica desde os primórdios da minha educação.

Agradeço também ao meu Pai, o Sr. Antônio Carlos Corrêa de Macedo, por mais que não faça mais parte deste mundo, sei que onde quer que esteja, está olhando por mim e por todos da minha família. Não foi fácil chegar até aqui, ainda mais sem sua presença carnal em nossas vidas, mas, como você sempre nos ensinou, nunca devemos desistir de nossos sonhos, o caminho é tortuoso, difícil, muitas vezes doloroso, mas se persistirmos com fé e coragem, a chegada será bem recompensada.

Obrigada a todos que direta e indiretamente colaboraram para a conclusão de mais esta etapa.

"A natureza não é cruel, apenas implacavelmente indiferente. Essa é uma das lições mais duras que os humanos têm de aprender."

Richard Dawkins

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo buscar, por meio de revisão literária, os benefícios que os Contos de Fadas trazem para a criança da educação infantil e como podem ser trabalhados na escola. A importância desse estudo se dá, uma vez que o gênero em questão se faz fortemente presente no cotidiano escolar. Dentre os principais autores da literatura que constitui a fonte para o presente estudo, o qual abarca os gêneros textuais, o gênero textual contos e fadas, criança da educação infantil, além da importância do trabalho com o referido gênero e sobre como pode ser esse trabalho, estão Bakhtin (1992), Marchusci (2002), Schneuwly (2004) e Lopes-Rossi (2002, *apud* VIEIRA, 2007) para a abordagem sobre gêneros literários; Coelho (1987,2000), Souza (2005, *apud* SCHNEIDER & TOROSSIAN, 2009, p. 134), Farias de Rubio (2012), Radino (2003) e Abramovich (1997) para o estudo sobre o gênero Contos de fadas; Friedmann (2013), Dewey (1965) e Kramer (1986) e Colomer (2007). O presente estudo possibilitou compreender melhor quais os benefícios que este gênero textual traz à criança da educação infantil e que o melhor método para se trabalhá-lo com as mesmas é por meio da contação de histórias.

Palavras-chave: Literatura, Educação Infantil, Contos de Fadas, Gêneros Textuais.

ABSTRACT

This paper aims to seek, through literature review, the benefits that fairy tales bring to a child's early childhood education and how they can be worked at school. The importance of this study is given, since the genre in question is strongly present in everyday school life. Among the leading authors of literature that is the source for this study, which covers the genres, the genre short stories and fairy, child of early childhood education and the importance of the work with that genre and how can this work are Bakhtin (1992), Marchusci (2002), Schneuwly (2004) and Lopes-Rossi (2002, cited VIEIRA, 2007) for the approach to literary genres; Coelho (1987.2000), Souza (2005, cited SCHNEIDER & Torossian, 2009, p 134.) Farias de Rubio (2012), Radino (2003) and Abramovich (1997) for the study of the genre Fairy Tales; Friedmann (2013), Dewey (1965) and Kramer (1986) and Colomer (2007). This study enabled us to understand better what benefits this genre brings the child's kindergarten and that the best method to work it with them is through storytelling.

Keywords: Literature, Early Childhood Education, Fairy Tales, Text Genre.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	3
2 GÊNEROS TEXTUAIS	5
2.1 O GÊNERO CONTO DE FADAS E SUA ORIGEM.....	6
3 A CRIANÇA DA EDUCAÇÃO INFANTIL	9
4 ESCOLA: ESPAÇO DE ENCONTRO ENTRE A CRIANÇA E O LIVRO	11
5 LITERATURA INFANTIL: PARA ENSINAR OU DIVERTIR?	12
6 OS BENEFÍCIOS DOS CONTOS DE FADAS PARA A CRIANÇA DA EDUCAÇÃO INFANTIL	13
6.1 O DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA NARRATIVA PELA ÓTICA DE TERESA COLOMER.....	15
7 O USO DOS CONTOS DE FADAS NA SALA DE AULA	16
8 MÉTODO	18
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS	21

1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, os Contos de Fadas vêm sendo passados de geração em geração. Quem nunca, quando criança, ouviu os avós ou os pais contarem uma história antes de dormir? Certamente já se ouviu falar de João e Maria com sua trilha de migalhas e a casa de doces, Chapeuzinho vermelho e o lobo na casa da vovó, Cinderela e seu sapatinho de cristal, enfim, todos nós já ouvimos uma dessas histórias um dia.

Nossos pais e avós usavam essas histórias para nos ensinar alguma coisa, tais como não desobedecer e sempre ouvir os mais velhos, não falar com estranhos, tomar cuidado ao andar pela rua e uma infinidade de coisas.

A criança tem seu primeiro contato com a literatura por meio da leitura de uma história. Ler para uma criança vai muito além de um ato educacional, é um ato de amor. Coelho (1991, p. 13) afirma que “o impulso de contar estórias deve ter nascido no homem, no momento e quem ele sentiu vontade de comunicar aos outros certa experiência sua, que poderia ter significado para todos”.

Segundo Radino (2001), os Contos de Fadas auxiliam na elaboração de conflitos importantes para o processo de desenvolvimento e socialização da criança. Para Souza (2008), os contos fazem parte do cenário psicológico de diferentes maneiras, em especial, como possíveis “representantes” do mundo interno das crianças, apresentando-lhes aspectos conhecidos e também assustadores do desenvolvimento. A autora também afirma que a oralidade, a leitura e a escrita são atividades que se complementam e que o primeiro contato da criança com o texto se dá por meio da narração de uma história. Uma história bem contada enriquece o conhecimento e a imaginação de uma criança, permite que a mesma mergulhe num mundo de fantasias, trazendo a ela toda aquela magia da infância.

Partindo do contexto acima e sobre a hipótese da importância dos Contos de Fadas para a formação da criança, o presente trabalho tem como objetivo buscar, por meio de revisão literária, quais os benefícios que os Contos de Fadas trazem para a criança da educação infantil e como podem ser trabalhados na escola, a fim de alcançar esses benefícios. A importância desse estudo se dá, uma vez que o gênero em questão se faz fortemente presente na educação infantil, que constitui o foco dessa pesquisa.

Dentre os principais autores da literatura que constitui a fonte para o presente estudo, o qual abarca os gêneros textuais, o gênero textual contos e fadas, criança da educação infantil, além da importância do trabalho com o referido gênero e sobre como pode ser esse trabalho, estão Bakhtin (1992), Marchusci (2002), Schneuwly (2004) e Lopes-Rossi (2002, *apud*

VIEIRA, 2007) para a abordagem sobre gêneros literários; Coelho (1987,2000), Souza (2005, *apud* SCHNEIDER & TOROSSIAN, 2009, p. 134), Farias de Rubio (2012), Radino (2003) e Abramovich (1997) para o estudo sobre o gênero Contos de fadas; Friedmann (2013), Dewey (1965) e Kramer (1986) e Colomer (2007).

O presente trabalho está organizado da seguinte forma: O capítulo 2 trata dos gêneros textuais, explanando sobre o conceito na concepção do filósofo russo Bakhtin, a constituição dos gêneros, além de três elementos centrais, conforme Schneuwly (2004). Explica ainda a diferença as especificidades dos gêneros primários em contraposição aos secundários e evidencia a importância de se trabalhar gêneros textuais na escola. Ainda como subcapítulo, tem-se o estudo do gênero Contos de Fadas e sua Origem, no qual explica-se como surgiram e sua relação com o mito. O capítulo 3 trata da criança da educação infantil, de sua relação com o mundo. Além disso, aborda também sua concepção e do seu modo de aprender. O capítulo 4 traz a escola como espaço de encontro entre a criança e o livro e reflete sobre seu importante papel para a formação do indivíduo. O capítulo 5 refere-se à polêmica quanto à natureza da Literatura Infantil, ou seja, ela pertence à arte literária ou à área pedagógica. O capítulo 6 e seu subcapítulo versam sobre os benefícios dos Contos de Fadas para a criança da Educação Infantil e o desenvolvimento da consciência narrativa. Para isso, explica sobre o contato da criança com a narrativa; a adequação das histórias às crianças; as fases de leitura e o interesse do leitor mirim, conforme sua idade; o interesse delas pelos Contos de Fadas; os benefícios propriamente ditos. O capítulo 7 apresenta sugestões de como se utilizar os Contos de Fadas em sala de aula. Por fim, exponho a conclusão.

2 Gêneros Textuais

Conforme Lopes-Rossi (2002, *apud* VIEIRA, 2007), “o conceito de gênero discursivo na concepção do filósofo russo Bakhtin (1992), refere-se a formas típicas de enunciados, falados ou escritos, que se realizam em condições e com finalidades específicas nas diferentes situações de interação social”.

A fim de esclarecer melhor a constituição dos gêneros, Schneuwly (2004) evidencia três elementos centrais: o primeiro deles é que a própria escolha do gênero se dá em função da sua intencionalidade discursiva, ou seja, o que se quer dizer, para quem e de que maneira; o segundo é que o lugar social define um conjunto possível de gêneros, como os gêneros reportagem, notícia, editorial que são pertencentes à esfera jornalística, ou epístola, o sermão e o salmo na esfera religiosa; por fim, o gênero textual tem uma certa estabilidade quanto a sua composição, função, estilo. A título de ilustração, temos a receita culinária, que tem como estrutura composicional a indicação dos ingredientes e o modo de preparo; como função o ensino de como se faz um prato e, no quesito estilo, temos o uso dos verbos no imperativo.

Em seu trabalho, Marchusci (2002), expõe que os gêneros textuais estão ligados à cultura e à sociedade, fazendo parte da comunicação do dia a dia, o que salienta sua fala (2002, p.3) “que a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual”. Neste mesmo pensamento, Bakhtin (1992, p. 279) afirma que “todas as esferas da atividade humana estão relacionadas com a utilização da língua, a qual se efetua em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, formulados por integrantes de diferentes esferas.” Marchuschi (2002) cita alguns exemplos de gêneros textuais, tais como: Cartas, telefonemas, reuniões, bilhetes, listas de compras, cardápios, outdoors, ratificando as definições citadas acima. Bakhtin (1992, p. 281 *apud* VIEIRA, 2007, p. 18) separa os gêneros textuais em primário (simples) e secundários (complexos), para o autor

durante o processo de formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios – por exemplo, inseridas no romance, a réplica do diálogo cotidiano ou carta, conservando sua forma e seu significado apenas no plano do conteúdo do romance, só se integram à realidade existente através do romance considerado como um todo, ou seja, do romance concebido como fenômeno da vida literário-artística e não da vida comum.

Brandão (2004) sob a ótica de Bakhtin ressalta a escola como um local em que se tem a oportunidade de atuar em várias “esferas” e cada uma delas requer uma forma linguística particular. Bakhtin (1992, p. 281 *apud* VIEIRA, 2007, p. 17) afirma

o querer dizer do locutor se realiza acima de tudo na escolha de um gênero do discurso. Essa escolha é determinada em função da especificidade de uma dada esfera da comunidade verbal, das necessidades de uma temática (do objeto do sentido), do conjunto constituído dos parceiros etc. Depois disso, o intuito discursivo do locutor, sem que este renuncie à sua individualidade e à sua subjetividade, adaptar-se e ajustar-se ao gênero escolhido, compõe-se e desenvolve-se na forma do gênero determinado.

Brandão (2004, p. 100-101) articula que para “dominar” os gêneros secundários, geralmente precisamos de uma educação formal e sistematizada. Ela ainda explica “que quando um indivíduo fala/escreve ou ouve/lê um texto, ele antecipa ou tem uma visão do texto como um todo acabado. Isso se dá justamente pelo conhecimento prévio que tem dos gêneros a que teve acesso na sua história escolar ou de leitura”.

A fim de evidenciar a importância de se trabalhar gêneros textuais na escola vale lançar mão dos dizeres de Bakhtin:

Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos; se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo de fala; se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível.

2.1 O Gênero Conto de Fadas e sua Origem

Segundo Coelho (1987), os Contos de Fadas surgiram por volta de 4.000 a.C com os egípcios no “Livro do Mágico”. Depois eles aparecem na Índia, na Palestina, Grécia, Arábia, Irã e Turquia. Coelho (2000) também fala sobre os contos célticos cheios de misticismo, coragem e bravura que visavam “a realização do interior do ser humano”.

Souza (2005, *apud* SCHNEIDER & TOROSSIAN, 2009, p. 134) “faz menção aos contos, descrevendo-os como histórias que narravam o destino dos homens, suas dificuldades, seus sentimentos, suas inter-relações e suas crenças no sobrenatural”. Farias de Rubio (2012) frisam que os Contos de Fadas eram relatos do cotidiano de camponeses e que serviam como forma de entretenimento e as fadas só surgiram anos mais tarde, caracterizadas pela mulher perfeita, bela e cheia de poderes, poderes estes considerados sobrenaturais. Coelho (2000) afirma que as fadas possuem poderes voltados para o bem e que “a fada ocupa um lugar privilegiado, encarna a possível **realização dos sonhos ou ideais** inerentes a condição humana”. Coelho (2000, p. 173), grifo da autora. Ainda mantendo a linha de raciocínio de

Coelho (2000), ela cita o geógrafo Pomponius o primeiro a mencionar as fadas como nós as conhecemos, ele as descreve como virgens com poderes mágicos que com seu canto dominavam os ventos e o oceano Atlântico. Elas também aparecem nas histórias da cavalaria germânica, com o nome de damas brancas, negras ou verdes, nas lendas da Mesopotâmia como damas das águas, das fontes e planícies, ou seja, elas são vistas de várias formas, porém todas têm a magia e o misticismo como característica comum.

Para a autora (*op. Cit.*), o homem, impossibilitado de alterar o mundo a sua volta de acordo com sua vontade, sempre desejou ajuda mágica. Essa ajuda corporifica-se na forma de mediadores como fadas, gênios, magos e opositores como bruxas, seres maléficos, trolls.

Partindo do ponto de que o mito é a primeira expressão da experiência do homem com o mundo e a vida, Coelho (2000), sob a ótica de Cassirer, compreende-se que o mundo do mito seja:

Um mundo dramático – de ações, forças e poderes conflitantes, em todo o fenômeno da natureza vê-se o embate desses poderes. A percepção mítica está sempre impregnada; o que se vê ou se sente está cercado de uma atmosfera especial de alegria ou tristeza, angústia e excitação, exultação ou depressão. E não podemos falar de coisas, como matéria morta e indiferente. Todos os objetos são benignos ou malignos, amigos ou inimigos, familiares ou sobrenaturais, encantadores e fascinantes ou repelentes e ameaçadores. Coelho (2000, p. 143-144)

Segundo Alves et. al. (2011), um ponto de aproximação entre o mítico e os Contos de Fadas dá-se na medida em que uma característica importante presente nos Contos de Fadas é a definição de caráter do personagem, não há um meio termo, ou as personagens são boas, ou são más.

Na linha do pensamento de Coelho (2000), podemos aproximar os Contos de Fadas nas narrativas míticas, uma vez que assim como o homem primitivo utilizou-se do mito para busca da solução, no imaginário, para as questões não compreendidas, as crianças buscam nos Contos de Fadas a mesma espécie de resolução. Conforme a autora:

Em outras palavras, no povo (ou no homem primitivo) e na criança, o conhecimento da realidade se dá através do *sensível*, do *emotivo*, da *intuição...* e não através do racional ou da inteligência intelectual, como acontece com a mente adulta e culta. Em ambos predomina o *pensamento mágico*, com sua lógica própria. Daí que o popular e o infantil se sintam atraídos pelas mesmas realidades.

Assim como os mitos, os Contos de Fadas têm sua gênese nas narrativas orais. Segundo Peixoto e Viana (2002 p.54 *apud.* ALVES et. al. 2011), acredita-se que os Contos de Fadas tenham se reformulado na idade média. Como indício de tal afirmação, temos as

personagens como reis, rainhas, florestas e castelos, cuja essência está ligada ao universo feudal.

Radino (2003) afirma que os Contos de Fadas surgiram ao longo do tempo e, assim como a sociedade e sua cultura, sofrem constantes transformações. Ainda na linha do pensamento de Radino, provavelmente os primeiros Contos de Fadas manuscritos apareceram na Itália em meados do século XVI e esses têm diversas versões, porém as do francês Charles Perrault e as dos irmãos alemães Grimm são as mais conhecidas. Alves et. al. (2011) conclui que, conforme os Contos de Fadas se aproximaram da infância, sofreram diversas transformações até chegar às versões, as quais conhecemos hoje e, mesmo atravessando os séculos, eles são considerados formas importantes de ensinamentos para a humanidade.

Na concepção de Farias e Rubio (2012, p. 5)

Os contos de fadas pertencem ao mundo dos arquétipos, são míticos, simbólicos, respondem ao universo da criança, e, sendo assim, torna-se possível perceber que não nos dão outro poder, senão o de assumir o real através da cultura do imaginário.

É na literatura infantil que os encontramos, seu gênero é o narrativo, e seu enredo é bem simples, rápido e preciso. Têm características próprias: “Era uma vez...”, “Num reino encantado...” “Num lugar não muito distante...” Essa forma narrativa denota um início, um meio e um fim e faz com que a criança perceba a existência de um tempo, um tempo que não é o seu, um tempo imaginário.

Abramovich (1997) fixa a idéia de que todos os elementos presentes nos Contos de Fadas são importantes, se retirarmos qualquer elemento do mesmo, podemos comprometer a compreensão na íntegra. A autora ainda cita que esse é um dos motivos de Walt Disney ser criticado, pois ele suavizou os Contos de Fadas, deixando-os mais agradáveis.

3 A criança da educação infantil

Para Friedmann (2013), a infância é a parte mais importante do desenvolvimento humano, pois é nela em que tudo se inicia desde a formação do caráter até a forma de como o homem se relacionará com o mundo futuramente. A autora afirma que:

É na infância do ser humano onde tudo começa. Não somente o que é da natureza pessoal e que determina o temperamento e a personalidade de cada indivíduo, como também todas as relações e vínculos que cada pessoa estabelece em seu entorno. Friedmann (2013, p. 13)

Conforme o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (BRASIL, 1998, p.21) “a concepção de criança é uma noção historicamente construída e, conseqüentemente, vem mudando ao longo dos tempos, não se apresentando de forma homogênea nem mesmo no interior de uma mesma sociedade e época”. O RCNEI ainda afirma que a criança, assim como todo o ser humano, está inserida em uma organização sócio-cultural que a afeta direta ou indiretamente e que elas são únicas, pois têm sua própria maneira de ver, ler e entender o mundo.

Em seus estudos, Dewey (1965, pp. 43-44, *apud* WESTBROOK & TEIXEIRA, 2010, p. 70) ressalta que:

A criança vive em um mundo em que tudo é contato pessoal. Dificilmente penetrará no campo da sua experiência qualquer coisa que não interesse diretamente seu bem-estar ou de sua família e amigos. O seu mundo é um mundo de pessoas e de interesses pessoais, não um sistema de fatos ou leis. Tudo é afeição e simpatia, não havendo lugar para a verdade, no sentido de conformidade com o fato externo.

Sob a ótica de Kramer (1986, p. 79 *apud* MAIA, 2012, p. 30),

Conceber a criança como ser social que ela é, significa: considerar que ela tem uma história, que pertence a uma classe social determinada, que estabelece relações definidas segundo seu contexto de origem, que apresenta uma linguagem decorrente dessas relações sociais e culturais estabelecidas, que ocupa um espaço que não é só geográfico, mas que também dá valor, ou seja, ela é valorizada de acordo com os padrões de seu contexto familiar e de acordo com sua própria inserção nesse contexto.

Maia (2012) completa dizendo que a criança é parte de um processo e faz história, mesmo quando é diferenciada da sociedade, cria expectativas de mundo e precisa de espaços que despertem e permitam a ela viver suas curiosidades, para que assim consiga se sentir parte

do mundo. Para Coelho (2000), a criança tem que ser entendida como um “*ser educável*”, pois, o homem desenvolve seu aprendizado desde o nascimento, até o final de sua vida.

O RCNEI (1998) salienta que a criança constrói seus conhecimentos por meio de contato com outras pessoas do meio em que vivem e:

Compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular das crianças serem e estarem no mundo é o grande desafio da educação infantil e de seus profissionais. Embora os conhecimentos derivados da psicologia, antropologia, sociologia, medicina etc. possam ser de grande valia para desvelar o universo infantil apontando algumas características comuns de ser das crianças, elas permanecem únicas em suas individualidades e diferenças. (BRASIL, 1998, p. 22).

Ainda sob a ótica do RCNEI, é importante consolidar que a criança aprende interagindo com o meio social em que vive e é nele que ela terá oportunidade única para elaborar “estratégias de pensamento e de ação, possibilitando a ampliação das hipóteses infantis.”

Analisando o meio social o qual a criança vive (família, sociedade e escola), a fim de esclarecer melhor as finalidades da educação infantil, temos o artigo 29 da Lei de Diretrizes e Bases 9.394/1996 estabelecendo que:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (Brasil, 1996, p.12)

Assim, na esteira do pensamento de Bruel (2010) pode-se compreender que a Educação Infantil estabelece sua finalidade privilegiando os aspectos do desenvolvimento infantil.

4 Escola: espaço de encontro entre a criança e o livro

Sob a ótica de Coelho (2000), “a escola tem o importante papel de lançar as bases para a formação do indivíduo”. Para isso, deve possibilitar os estudos literários, uma vez que eles estimulam a mente; a percepção do real; a consciência do eu com o outro; a leitura de mundo e principalmente torna dinâmico o ensino da língua.

Sobre a escola, a autora preconiza que:

nesse espaço deve ser, ao mesmo tempo, *libertário* (sem ser anárquico) e *orientador* (sem ser dogmático) para permitir ao ser em formação chegar ao seu *autoconhecimento* e a *ter acesso ao mundo da cultura* que caracteriza a sociedade a que ele pertence. Coelho (2000, p. 16)

Ou seja, ao promover atividades com literatura, a escola deve proporcionar ambiente para *estudos programados* e o ambiente para atividades livres, pois a dualidade desses ambientes corresponde a dois aspectos da formação: o que exige do educando a assimilação de informações e conhecimentos e a que precisa estimular a liberar as potencialidades de cada indivíduo.

Sendo assim, cabe a escola servir de ponte entre o aluno e o livro, facilitando seu acesso e promovendo atividades atrativas. Contudo, é importante que seja criado um projeto voltado para a literatura para que todos os objetivos referentes à mesma sejam alcançados em sua plenitude.

Colomer (2007) assegura que é importante possibilitar para as crianças a convivência constante com os livros e além de mantê-los presentes no ambiente escolar, que a escola proporcione o uso destes livros em conjunto as atividades propostas no dia a dia dessas crianças, incentivando-as a todo o momento a busca pela literatura.

Além do papel da escola como ponte para o acesso da criança ao livro, Alves et. al (2011) ressalta a necessidade do professor utilizar bons livros e boas técnicas de leitura em suas aulas, já que muitas crianças não possuem acesso à literatura fora da escola o que dificulta no estímulo pelo gosto da leitura e a assimilação das atividades propostas dentro do espaço escolar.

Por fim, cabe a escola explorar mais o trabalho referente ao gênero Contos de Fadas com as crianças da educação infantil, pois o fato delas sentirem-se atraídas pelo encantamento do gênero pode facilitar os trabalhos com a literatura que contribuem para a formação do ser humano.

5 Literatura infantil: para ensinar ou divertir?

De acordo com Coelho (2000), há uma polêmica quanto à natureza da Literatura Infantil, ou seja, ela pertence à arte literária ou à área pedagógica. Essa questão é proveniente da Antiguidade clássica, quando se discutia se ela é didática ou lúdica. Da mesma forma, hoje discute-se a finalidade da Literatura Infantil se é instruir ou divertir. Tal polêmica se arrasta há tempos. Assim, segundo a autora, há divergência entre as opiniões, sendo que, em algumas épocas se radicalizam.

No entanto, se observarmos as grandes obras consideradas literatura infantil, constataremos que pertencem ao mesmo tempo a essas duas áreas: a da arte literária e a da pedagogia, uma vez que, como afirma Coelho (2000, p. 46),

Sob esse aspecto, podemos dizer que, como objeto que provoca emoções, dá prazer, ou diverte e, acima de tudo, modifica a consciência de mundo do seu leitor, a literatura infantil é arte. Sob outro aspecto, como instrumento manipulado por uma intenção educativa, ela se inscreve na área pedagógica.

A opção do escritor em relação a uma dessas atitudes básicas, não depende exclusivamente da decisão do escritor, mas de tendência predominante a sua época. No entanto, sabe-se que nos momentos de transição, quando o sistema de vida ou de valores está sendo substituído por outro, o aspecto arte predomina na literatura, ou seja, o lúdico ou o descompromisso em relação ao aspecto pedagógico é o que alimenta o literário e procura transformar a literatura na aventura espiritual que toda criação literária deve ser.

Compreende-se por meio desse trabalho que essas duas atitudes polares, ou seja, literária ou pedagógica, resultam a impossibilidade que existe na separação entre a intenção artística e a educativa, presente nas próprias raízes da literatura infantil.

Cagneti (1996) afirma que a literatura infantil consegue reproduzir ao mesmo tempo dois mundos, o real e o imaginário, refletindo através das palavras questões sobre a relação entre mundo real, o ser humano e a vida, ela também consegue unir o sonho com a realidade, permitindo mergulhar no mundo da imaginação o que propicia para o uso desse mundo no aprendizado para com a vida, em como estabelecer a possibilidade ou impossibilidade da realização dos ideais humanos.

6 Os benefícios dos Contos de Fadas para a criança da Educação Infantil

Colomer (2007) relata que o primeiro contato com a leitura se dá, na sua grande parte, por meio da narração de uma história e é através da narrativa de uma história que a criança começa a criar interesse para sua educação literária. Com a leitura de histórias, a criança começa a desenvolver o sistema simbólico, pois ela observa que a imagem e a palavra fazem parte de um mesmo contexto, não importando se a figura é em preto e branco, 2D ou 3D. Moraes e Rubio (2013) sob a linha de pensamento de Abramovich afirmam que é de suma importância para a criança ouvir histórias, pois é por meio dessas histórias que a criança além de se tornar um leitor, também aprende a compreender melhor o mundo.

Coelho (2000) afirma em seu livro que não é qualquer história que deve ser lida para a criança, os livros/histórias precisam estar adequados às etapas do desenvolvimento da criança, o que consolida a idéia de Bamberger (2006, *apud* Alves *et. al.* 2011), o autor divide as fases de leitura e apresenta o interesse do leitor mirim, conforme a idade. A primeira fase é denominada “idade dos livros de gravuras e dos versos infantis” (2 a 5-6 anos). Nesta fase é importante que o livro apresentado a criança relacione-se com objeto simples. Nesse período, também gostam do ritmo, das rimas e dos jogos com palavras. Na sequência, temos a “idade dos Contos de Fadas” (5-6 a 9 anos). Nesse período, a criança está propensa à fantasia, admirando personagens do conto de fadas e identificando-se com elas. No momento em que a criança deixa de se identificar com as personagens dos contos, inicia a “idade das histórias ambientais” (9 a 12 anos), embora o gosto pelos Contos de Fadas continue, a criança passa a interessar-se por histórias reais.

Partindo da divisão elaborada por Bamberger (2006), é possível perceber que o interesse pelos Contos de Fadas inicia-se na educação infantil, em virtude da identificação com as narrativas e estende-se aproximadamente até os 12 anos. Segundo o autor (*op. cit.*), isso acontece devido ao interesse da criança pelo lúdico e a magia presente no gênero.

Na concepção de Falconi e Farago (2015, p. 86),

As histórias podem ser um grande aliado ao educador, pois o contar de histórias pode divertir, estimular o imaginário, quando bem contada e ainda proporciona à criança uma atividade sadia, enriquecendo seu vocabulário e contribuindo ao desenvolvimento da imaginação e adaptação no contexto social.

As autoras ainda relatam que por meio da contação de uma história, além de enriquecer o vocabulário infantil, contribui para o alcance de vários objetivos, tais como o

desenvolvimento da expressão corporal, desenvolvimento e estímulo da inteligência, a sociabilidade da criança, a memorização, a atenção, o gosto pela leitura, etc.

Farias e Rubio (2012) relatam que os Contos de Fadas são importantes, pois, trabalham com a memorização e a atenção das crianças, quando uma criança se interessa pela história, começa a acompanhar cada momento da mesma e se questiona sobre o que irá acontecer depois, se as dificuldades enfrentadas pelos príncipes e princesas serão superadas, dentre outros acontecimentos, o que leva a criança a começar a se familiarizar com o exercício de causa e efeito, os quais propiciarão o seu amadurecimento, tornando concreta a afirmação de Radino (2001) de que os Contos de Fadas, além de propiciar o divertimento para a criança, ensinam e preparam para a vida.

O estudo realizado por Filha (2011) revela que os Contos de Fadas trabalham também a diferença entre o gênero masculino e feminino. Conforme são feitas as descrições sobre as princesas (cabelos compridos, vestidos longos e belos, rostos delicados, são meigas, etc.) e os príncipes (cabelos curtos, usam roupas com algum detalhe em azul, são fortes, corajosos e destemidos, pois enfrentam dragões e bruxas, geralmente são os heróis das histórias) as crianças começam a formular idéias em seu imaginário de quem é menino e de quem é menina, o que lhe fornecerá uma prévia noção sobre as diferenças existentes nesses gêneros.

Moraes e Rubio (2013, p.7) asseguram que os Contos de Fadas

ajudam a crianças no desenvolvimento da personalidade, na comunicação, dando a ela opções de experiências importantes que contribuirão na formação de seu caráter. Mostra à criança de forma otimista, que todas as pessoas apesar das diferenças, podem ter uma vida boa, basta não recuar diante das situações que precisam enfrentar, porque sem essa, a pessoa não chega a autêntica identidade, ou seja, esses contos declaram, que se a criança ir adiante, a ajuda virá e ela vencerá.

Conforme a linha de pensamento de Farias e Rubio (2012), com os Contos de Fadas a criança começa a desenvolver a percepção temporal, em que tudo tem um começo, um meio e um final e isso se dá devido à singularidade da estrutura destes contos, ainda sob a ótica das singularidades dos Contos de Fadas, Menezes (2010) assegura que os Contos de Fadas são de grande importância para o desenvolvimento infantil, pois permitem o primeiro contato da criança com o mundo da imaginação.

Betelhem (1980) alega que o fato de os Contos de Fadas tratarem de problemas existentes na vida real da criança, permite a ela se identificar com tais histórias, auxiliando na contribuição da solução de seus conflitos internos, o que se agrega a afirmação de Falconi e Farago (2015), que remetem a importância da presença de uma figura adulta nos Contos de Fadas, não importando se é pai, mãe, avô, avó ou o próprio educador, pois uma das grandes

virtudes dos Contos de Fadas é trazer em sua essência a estrutura familiar e os atritos naturais existentes no subconsciente humano, tais como o “medo da morte ou o medo da separação”.

Alves et. al. (2011, p.103) relatam que “através da apreciação de um conto de fadas, a criança em um processo de identificação de sentimentos, esperanças e ansiedades, sente-se compreendida e amada”. Os autores completam dizendo que os finais felizes dos Contos de Fadas são como uma forma de salvação depois das personagens terem enfrentado tantos problemas, trazendo assim para a criança o sentimento de conforto e alívio, ensinando-a que por mais difícil que seja alcançar seus objetivos, se ela persistir no seu foco, a recompensa sempre será de grande valia.

6.1 O desenvolvimento da consciência narrativa pela ótica de Teresa Colomer

Colomer (2007) relata que desde a infância, o ser humano possui muitos conhecimentos sobre a narração de histórias. Aos dois anos a maioria usa convenções literárias como formulas de início e final, uso do pretérito imperfeito, mudança do tom de voz, presença de personagens convencionais da ficção, etc. Isso deixa claro que as crianças já identificam a narração de histórias como um modo de comunicação, ou como uma técnica aceita socialmente para falar sobre a realidade ou para imaginar mundos possíveis.

O avanço gradativo do conhecimento das características da história inclui dois pontos essenciais: a apropriação do esquema narrativo e o desenvolvimento das expectativas sobre as personagens.

Ao iniciar a apropriação da estrutura narrativa, as crianças se contentam em reconhecer ou nomear o conteúdo das imagens, veem as histórias como eventos desconexos. Conforme crescem, amplia-se sua capacidade para relações entre as causas e as ações representadas no interior de um esquema progressivo. Essa capacidade é ampliada mais facilmente para aqueles que tiveram mais contato com contação de histórias.

A consciência narrativa abarca ainda as expectativas sobre a conduta das personagens, uma vez que eles constituem parte do mundo real das crianças e são referência sobre a representação da realidade como uma herança cultural.

7 O uso dos Contos de Fadas na sala de aula

Na esteira do pensamento de Alves et. al (2011), a escola tem o papel de proporcionar aos alunos um *locus* para leitura ou contação que possibilite as contribuições dos Contos de Fadas para a construção da personalidade da criança. Partindo dessa ideia, apresentamos aqui algumas reflexões sobre como usar os Contos de Fadas em aula.

Para o trabalho com os Contos de Fadas, é fundamental que o professor conheça não apenas as características desse gênero textual, mas principalmente seu significado para o imaginário infantil, possibilitando que os alunos tenham a liberdade para interpretar e construir, ao seu modo, o sentido da história para a sua vida.

Na escola, os Contos de Fadas devem estar presentes nos momentos de contação de história, conservando a característica lúdica e estimulando a fantasia. Para isso é recomendável planejar a contação de diferentes contos por meio de estratégias diversificadas, convenientes à faixa etária e às peculiaridades da turma.

Alves et. al (2011) sugere para as atividades para contação de histórias quatro etapas com diferentes propósitos: "a conversa antes da história, a contação propriamente dita, a conversa após a história e a atividade prática dividida em dois momentos – artístico e escrito."

O objetivo principal da conversa antes da contação é estabelecer combinados a respeito do comportamento dos alunos durante a narrativa, deixando claro se farão ou não comentários e outras intervenções. É importante aproveitar esse momento para levantar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o texto selecionado, identificando versões variadas, questionando como conheceram a história e se há o hábito da leitura em casa.

Para que ocorra o segundo momento que é a contação da história, é necessário que o professor realize a escolha da história considerando a versão mais adequada para o grupo e realize o planejamento da contação, fazendo um estudo aprofundado do texto, procurando além de memorizá-lo, salientar em sua estrutura pontos de incompreensão, que ganharão sentido a partir da entonação de voz e da expressão corporal do contador. É imprescindível valorizar cada detalhe da trama, permitindo que os ouvintes criem um cenário da história em sua imaginação.

Machado (2002, p. 31) recomenda que:

O adulto que quiser ter a alegria de compartilhar uma narrativa com os pequenos pode ler antes a história sozinho, para si mesmo, para lembrar ou ficar conhecendo. Depois, outro dia, conta ao filho (ou aluno, ou sobrinho) com suas próprias palavras, do jeito que lembrar.

Coelho (2007) preconiza que essa é a mais fascinante de todas as formas, a mais antiga, tradicional e autêntica expressão do contador de história.

Retomando o pensamento de Alves et. al. (2011), caso o narrador faça uso do livro, é aconselhável que se realize a leitura prévia da história, buscando memorizá-la, a fim de no ato da leitura o narrador apoiar-se apenas nas imagens para realizar a contação.

A terceira etapa da atividade com Contos de Fadas é a conversa após a contação com o objetivo de explorar elementos fundamentais do mesmo, estabelecer relações com outras histórias, ampliar o entendimento dos alunos ao ouvir os outros colegas. É fundamental que o professor propicie um ambiente em haja respeito mutuo e que todos tenham a oportunidade de falar livremente e sejam ouvidos por seu professor e pelos colegas. O professor ainda pode usar de questionamentos para dar abertura a este dialogo com as crianças, como por exemplo, perguntar qual parte da histórias as crianças mais gostaram, com isso além da conversa, o professor está trabalhando a memorização pois faz com que a mesma busque no seu subconsciente lembranças da história que acabará de ser contada.

8 Método

Esta pesquisa se deu por meio de revisão bibliográfica que abarcou livros, artigos, periódicos e sites relacionados à Importância dos Contos de Fadas na Educação Infantil.

A busca foi realizada na biblioteca da Faculdade de Pindamonhangaba e em sites como *Scielo* e Google Acadêmico partindo sempre das seguintes palavras-chave: Literatura, Educação Infantil, Contos de Fadas, Gêneros Textuais.

9 Considerações Finais

O presente estudo possibilitou compreender os vários benefícios que os Contos de Fadas propiciam para o desenvolvimento da criança da educação infantil. Pude compreender que é por meio de uma narrativa, que a criança tem seu primeiro contato com o mundo da literatura, e que este fato é de suma importância para o seu interesse pelo mundo literário, já que uma vez que a criança que ouve história, esta mais propensa a desenvolver o hábito da leitura.

Através do contato com a narrativa o sistema simbólico começa a se desenvolver no ser humano, ou seja, quanto maior o contato da criança com histórias narradas, melhor será sua assimilação com relação imagem e palavra, o que contribuirá para seu crescimento e desenvolvimento da sua formação escolar.

Cabe a escola e ao educador suprir a carência por leitura que o ambiente sócio-familiar gera a criança da educação infantil. O professor tem que ter fixa a idéia de que as histórias e ele são grandes aliados a aprendizagem da criança, por meio de uma história, pode-se além de criar um momento de divertimento, mas também ensinar. As histórias são grandes fontes para o enriquecimento do vocabulário infantil.

Os Contos de Fadas têm um importante papel no desenvolvimento integral da criança, pois estas histórias recheadas de magia, mistérios e bravuras agem de forma significativa no imaginário da criança, levando a criança ao primeiro contato com o mundo ficcional e auxiliando a mesma na solução de problemas referentes à sua realidade. Estes contos por tratarem de uma forma transparente sobre o bem e o mal facilitam à criança a construção do seu caráter, auxilia em sua leitura de mundo e contribui para uma parte importante dessa fase do desenvolvimento infantil, que é a elaboração do eu.

Eles também colaboram na sociabilidade, no desenvolvimento da inteligência, na memorização, na atenção, na concepção de tempo (começo/ meio e fim), desenvolve a expressão corporal, a comunicação, promovem o divertimento, retratam a estrutura familiar, e cria processos de identificação de sentimentos.

A presente pesquisa também revelou que para se trabalhar com esse gênero na educação infantil, não há melhor forma que a roda de leitura, assim a escola e o educador tem oportunidade para promover a interação história-aluno, pois, as crianças desta fase escolar além de muito novas, estão em processo de extrema e constante transformação. Devido a esse fato, o professor deve estar muito bem preparado e freqüentemente buscar por novas

estratégias para que o trabalho com os Contos de Fadas sejam aproveitados em sua totalidade. Cabe ao professor, conhecer todas as características, todos os benefícios, todas as formas e estratégias referentes ao gênero, mas ele não pode se prender a só isso, o professor deve conhecer o significado que este gênero tem a criança da educação infantil e possibilitar que esta criança tenha liberdade para realizar interpretações e construir ao seu modo os sentidos dessas histórias perante a sua vida.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil Gostosuras e Bobices**. São Paulo: Spicione, 1997
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, 2006
- BETTELLHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BRANDÃO, H. H. N. **Gêneros do discurso: unidade e diversidade**. In. Polifonia - Revista do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem-Mestrado - Número 8, 2004.
- BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF: MEC, 1996.
- BRASIL/MEC/SEF. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. (3 Vols). Brasília, 1998.
- CAGNETI, S.S. Livro que te quero livre. Rio de Janeiro: Nórdica, 1996
- BRUEL, A.L de O. **Políticas e legislação da educação básica no Brasil**. Curitiba: Ibpx, 2010
- COELHO, B. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 2007
- COELHO, N.N. **O Conto de Fadas**. São Paulo, Ática, 1987.
- COELHO, N.N. **Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil**. São Paulo: Ática, 1991.
- COELHO, N.N. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- COLOMER, T. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**; [tradução Laura Sandroni]. São Paulo: Global, 2007
- FALCONI, I. M; FARAGO, A. C. Contos de Fadas: origem e contribuições para o desenvolvimento da criança. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro, São Paulo, v. 2, n.1, p. 85-111, 2015.
- FARIAS, F. R. A. de; RUBIO, J. de A. S. Literatura Infantil: A Contribuição dos Contos de Fadas para a Construção do Imaginário Infantil. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 3, n 1, 2012.
- FRIEDMANN, A. **Linguagens e culturas infantis**. São Paulo: Cortez, 2013
- FILHA, C. X. ERA UMA VEZ UMA PRINCESA E UM PRÍNCIPE...: REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NAS NARRATIVAS DE CRIANÇAS. **Revista Estudos Feministas**. Estudos Feministas, Florianópolis, v.19, n. 2, p. 336, maio./ ago. 2011

MACHADO, A.M. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MAIA, J. N.. **Concepções de criança, infância e educação dos professores de Educação Infantil**. Dissertação (Mestrado) Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande, MS, 2012.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros Textuais: Constituição e Práticas Sociodiscursivas**. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

MENESES, A. B. de. Vermelho, verde e amarelo: tudo era uma vez. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 24, n. 69, p. 265-283, mar./abr. 2010.

MORAES, J. C. de; RUBIO, J. de A. S. As contribuições dos Contos de Fadas na Infância. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 4, n 1, 2013

RADINO, G. Oralidade, um estado de escritura. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 6, n. 2, p. 73-79, dez. 2001.

RADINO, G. **Contos de fadas e realidade psíquica: a importância da fantasia no desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

SOUZA, M. et al. Julgamentos em interpretações de histórias. **Psico-USF**, v. 13, n. 2, p. 265-276, jul./dez. 2008.

SOUZA, R. J. de; FEBA, B. L. T (org.), in: ALVES, A. E.; ESPÍNDOLA, A. L; MASSUIA, C. S. Oralidade, Fantasia e Infância: há lugar para os contos de fadas na escola?. **Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva de letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

VIEIRA, A. J. **Desenvolvendo capacidades de linguagem: uma proposta de seqüência didática para a compreensão e produção escrita do gênero textual fábula**. Dissertação (Mestrado, Lingüística Aplicada) – Departamento de Ciências Sociais e Letras, Universidade de Taubaté, Taubaté, SP, 2007.

WESTBROOK, R. B.; TEIXEIRA, A.; ROMÃO, J. E; RODRIGUES, V. L. (org.). **John Dewey**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.